



Artigo Publicado para Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana - EBPF

Disponível em: www.ebpf.com.br

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 23 | p. 09 | Outubro/2025

Palavras-Chave: Psicanálise, Odete Roitman, Superego, Sombra, Rigidez moral e Narcisismo, Poder e Dominação Psíquica.

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 18 de outubro de 2025.

ESTRUTURA E FUNÇÃO PSICOLÓGICA DE ODETE ROITMAN

Dr. Richard Munhoz

17 de Outubro de 2025

1. Estrutura e função psicológica de Odete Roitman

Odete emerge como figura central do antagonismo moral da narrativa. Ela ocupa posição de poder, controle e autoridade, dona de uma empresa, articuladora, marcadamente orgulhosa, dotada de frieza emocional e de uma tendência à manipulação. Alguns articulistas já indicaram que ela “é o retrato da rigidez moral disfarçada de sofisticação. Seu perfeccionismo, controle excessivo e frieza emocional podem ser lidos como defesas” (“Crenças como ‘só posso confiar em mim mesma’ e ‘os outros são inferiores’ alimentam um esquema de desconfiança e isolamento, típico de perfis autoritários”).

Sob o enfoque freudiano, poderíamos situá-la como alguém submetido a um superego extremamente rígido, que internalizou normas, possivelmente parentais ou sociais, de tal modo que o ego se vê obrigado a operar sob uma regra de “ser superior, não falhar, dominar”. Tal superego, ao invés de funcionar como moderador saudável, atua como um juiz opressivo, uma instância que constantemente vigia, censura e pune. A honra, o status, a aparência torna-se forças que regulam sua ação, enquanto o desejo, a vulnerabilidade e a finitude ficam reprimidos ou transformados em formas de agressão, de dominação ou de negação.

Do ponto de vista junguiano, Odete pode ser vista como encarnação de um arquétipo da “Sombra”, não apenas das partes rejeitadas ou escondidas do ego (como a vulnerabilidade, o medo, a dependência), mas também das projeções que ela faz nos outros, ao atribuir aos



subordinados ou aos “inferiores” fragilidades que ela própria possui, ela os controla, os manipula, os mantém à distância. Ela não apenas nega suas próprias partes sombrias, mas as externaliza e as pune nos outros. Assim, numa dinâmica de não reconhecimento do Self (no sentido junguiano), ela vive uma fragmentação que se expressa em sua relação com a família, por exemplo, com os filhos e com o mundo externo.

Neurocientificamente, podemos hipotetizar que esse tipo de personalidade envolva um padrão de ativação ampliada de circuitos do controle (córtex pré-frontal dorsolateral) e de circuito de aversão ou ameaça (por exemplo, ínsula, amígdala) associados à hipervigilância social. A pessoa pode apresentar menor ativação de circuitos de empatia (por exemplo, rede de “modo padrão” ou “*default mode network*” quando voltada à introspecção sobre o outro) e maior ativação de circuitos envolvidos em avaliação de status e comparação social. Em termos de regulação emocional, há tendência à supressão crônica de afeto, o que estudos recentes em neurociência mostram estar associado a maior ativação na amígdala e à menor conectividade entre córtex pré-frontal ventromedial e amígdala (cf. Ochsner et al., 2012).¹

2. Conflitos inconscientes e o motor da ação de Odete

Freud nos lembrou que o sintoma (ou, no nível da narrativa, o comportamento patológico) serve sempre a dupla função de representar e defender. No caso de Odete, seu comportamento manipulador, sua frieza e sua busca por poder têm uma função defensiva, ou seja, proteger-se contra as partes seu ego que considera indesejáveis. Há indícios, tanto na versão original (1988) como no remake (2025) de que ela mantém um segredo grave, por exemplo, no remake, ao esconder o filho gêmeo que sobreviveu a um acidente grave. Esse segredo funciona como um “buraco” no ego, uma fissura que ela cobre com suas defesas de rigidez, controle e humilhação dos outros.

Quando Jung fala de “complexos”, podemos pensar que Odete é dominada por um complexo materno de controle e de dominação, que talvez tenha se constituído pela via de uma relação parental em que a figura materna ou paterna talvez tenha sido exigente, crítica e Odete internalizou essa dinâmica como “ser superior para não cair”. O medo da castração simbólica (no sentido freudiano) ou da falha/exposição/julgamento público talvez seja uma força motriz da

¹ Esta inferência neurocientífica é especulativa, mas compatível com o que sabemos de personalidade autoritária e de alta rigidez



Personagem, sendo que, ela teme que alguém descubra sua vulnerabilidade, e por isso antecipa os ataques, manipula, controla, destrói alianças.

Na trama, ela não se abre à dependência, ao afeto genuíno ou à falha humana. Seus filhos, seus empregados, seus pares são submetidos ao jugo do poder que ela exerce. Podemos ver também que, na versão de 2025, ela executa planos de assassinato, ameaças diretas à filha ou à aliada (por exemplo, ela “mede” a neta Ana Clara e contrata enfermeiros para cuidar do herdeiro escondido). A agressividade aqui é projetada: não admitida como parte dela, surge como controle ou como punição no outro.

Em termos freudianos, pode haver uma mobilização de pulsão de morte (Thanatos) que se exterioriza no desejo de destruir ou controlar o outro e ao mesmo tempo uma repressão compensatória de pulsões de vida (Eros), vínculos, dependência, vulnerabilidade, fragilidade. O “fazer valer a todo custo” (vale tudo) sintetiza bem essa dinâmica de urgência, de conquista, de dominação.

3. Função simbólica da personagem para o coletivo

Como o trabalho da psicanálise nos lembra, o indivíduo jamais está dissociado de seu contexto simbólico e cultural. A narrativa de “vale tudo”, expressa no título da novela, não é apenas uma crônica social, mas também atua como espelho para processos psíquicos individuais.

Odete, então, representa, simbolicamente, a figura da meritocracia extrema, do “quem é de verdade, quem manda”, da falácia da autonomia absoluta. Ela simboliza o ideal narcisista da autossuficiência, da superioridade, da negação da fraqueza, da dependência, da vulnerabilidade. Ela nos mostra que quando falta reconhecimento, quando se internaliza cedo a exigência de perfeição, quando não se permite falhar ou mostrar fragilidade, o resultado pode ser uma estrutura psíquica de rigidez, hostilidade, e de solidão interior.

Jung nos recorda que a sombra negada retorna sob formas distorcidas, no caso de Odete, através de vingança, manipulação, assassinato simbólico (e literal na trama). A neurociência, por sua vez, auxilia a lembrar que os circuitos neurais da empatia, da regulação emocional, da vulnerabilidade estão presentes em todos e quando suprimidos, têm custo para o sujeito e para os relacionamentos.

Do ponto de vista social, Odete mobiliza o que no Brasil se poderia chamar de “síndrome do vencedor solitário”, aquele que construiu tudo sozinho, que não confia em ninguém, que



acredita que revelar fraqueza é ser destruído. A novela traduz essa configuração para o público, permitindo que se faça associação, consciente ou não, com situações reais de vida: famílias, empresas, relações de poder, medos de reconhecimento, medos de serem desmascarados.

4. Possibilidades de mudança, cura e integração

Para a psicanálise, uma das tarefas principais seria acompanhar como Odete poderia reconhecer suas próprias fragilidades, acolher suas partes rejeitadas e entrar em relação menos tirânica com o outro. Em Freud, isso implicaria trabalhar a resistência, aquilo que impede o contato com o inconsciente e favorecer a elaboração dos conteúdos reprimidos (por exemplo, seu segredo de filho, sua vulnerabilidade materna ou paterna, seu medo de falhar).

Na perspectiva junguiana, o caminho seria integrar a Sombra, Odete não apenas projetar nas outros suas fraquezas, mas reconhecê-las como partes suas, ativar o movimento de individuação em que o Self aparece como mais do que ego dominante. Isso implicaria uma abertura para o afeto, para a imperfeição, para a dependência e para uma dialética entre poder e vulnerabilidade.

Neurocientificamente, podemos pensar que processos de regulação emocional (por exemplo, treinamento de atenção plena, práticas de exposição empática) poderiam ajudar a reduzir a ativação crônica de sistemas de ameaça e fortalecer a conectividade entre regiões envolvidas em introspecção social e empatia. Isso se traduziria na vida da personagem como maior capacidade de reconhecer o outro como sujeito e não como objeto de controle.

5. Considerações finais

Em resumo, Odete Roitman é mais do que uma vilã em uma trama televisiva, ela é um significante simbólico rico que permite ao analista, ao espectador e ao coletivo refletir sobre a rigidez moral, o medo da vulnerabilidade, a dinâmica de poder, a negação da fraqueza e os mecanismos de defesa que se erguem para proteger o ego de fracassos e de reconhecimento. A “história da vilã” se desenrola, no plano intrapsíquico, como uma tragédia da possibilidade de vínculo, da abertura ao outro e da integração de partes rejeitadas.

Para o analista, recomendar-se-ia observar, no personagem e nos espectadores que a acompanham, questões como: Qual o custo de manter o controle absoluto? Qual o preço da negação da dependência? Como a sombra retorna quando suprimida? Como a dinâmica familiar

Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP

CNPJ: 22.698.853/0001-81 | Site: www.ebpf.com.br | Instagram: @ebpf.escoladepsicanalise



(filhos, segredos, herdeiros) estrutura o comportamento de poder? Em que medida o indivíduo internaliza o superego autoritário e silencia sua vida pulsional?

Espero que esta reflexão, à luz da psicanálise freudiana, da psicologia analítica junguiana e de algum aporte da neurociência, possa contribuir para a compreensão mais profunda da figura de Odete Roitman e das tensões que ela evoca.

Mas, antes de finalizar a escrita deste artigo, sugiro que façamos uma leitura a partir de Odete Roitman entre 1988 e 2025. Será que existe o mesmo sintoma em novos tempos?

6. A vilã de 1988: o superego moralista e a sombra da elite

Na versão original escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, *Vale Tudo* (1988) nasce como um retrato ácido da sociedade brasileira pós-ditadura, marcada por crises éticas e por um capitalismo em consolidação.

Odete Roitman, interpretada por Beatriz Segall, simbolizava o superego social, a moralidade hipócrita de uma elite que pregava valores, mas vivia de privilégios e corrupção. Sua frase célebre “*Quem matou Odete Roitman?*”, sintetiza o enigma do inconsciente social: a destruição da “lei” que reprime o desejo.

Sob o olhar freudiano, ela encarnava a figura do superego punitivo, uma instância que julga, pune e exige perfeição, revelando o mal-estar civilizatório descrito por Freud (1930). Sua obsessão pelo controle e pela superioridade moral traduzia o medo de castração: o horror à vulnerabilidade e à perda de poder.

Em termos junguianos, era a Sombra coletiva da sociedade brasileira dos anos 1980, uma sociedade que condenava a corrupção, mas se identificava inconscientemente com a esperteza, o lucro fácil e o cinismo político. Odete tornava visível o que o país reprimia, a sua própria culpa e ambição.

7. A vilã de 2025: o superego digital e a hiper-vigilância contemporânea

Na releitura contemporânea de 2025, Odete Roitman retorna em um mundo regido pela exposição digital, pela meritocracia e pelo poder da imagem. A personagem mantém a frieza e o controle, mas agora vive no contexto de um capitalismo de vigilância, em que o “olhar do outro” se amplifica pelas redes. Sua rigidez se expressa não apenas na moral, mas no monitoramento



constante dos filhos, herdeiros e empregados, como se estivesse dentro de um panóptico emocional. Aqui, vemos um deslocamento, ou seja, o superego moralista de 1988 dá lugar a um superego performativo e narcísico, que exige sucesso, aparência e controle de narrativas. O “poder” torna-se espetáculo.

Em termos freudianos, trata-se da passagem de uma sociedade regida pela culpa para uma sociedade regida pela angústia de desempenho (Han, 2017), Odete não apenas julga, mas precisa ser vista como irrepreensível.

Do ponto de vista junguiano, a sombra não é mais apenas a corrupção, mas o vazio identitário, a perda do Self sob o peso das máscaras sociais. Odete torna-se o espelho do sujeito moderno, fragmentado entre a persona pública e o vazio interno.

8. Transformações simbólicas e significados psíquicos

Dimensão	Odete 1988	Odete 2025
Estrutura psíquica	Superego moralista e punitivo (lei e culpa)	Superego narcísico e vigilante (imagem e controle)
Sombra coletiva	Corrupção e hipocrisia social	Ansiedade, isolamento e vigilância digital
Símbolo social	O poder da elite e a repressão do desejo	O poder da performance e a negação da subjetividade
Pulsão predominante	Thanatos: destruição do outro como punição moral	Eros reprimido: busca de validação e domínio sobre o olhar alheio
Tragédia psíquica	A morte da “mãe severa” — libertação da culpa social	A morte simbólica da “imagem perfeita” — colapso da identidade narcisista

9. Reflexão psicanalítica e cultural

A passagem de 1988 para 2025 mostra que a sociedade mudou o cenário, mas não o sintoma. Freud diria que o retorno de Odete Roitman representa a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*, 1920): o sujeito social repete a estrutura que o aprisiona, apenas com novos objetos de adoração. Em 1988, era o poder econômico; em 2025, é o poder da visibilidade.



Jung completaria, dizendo que, a sombra não desaparece, apenas muda de forma. A vilania de Odete é o espelho ampliado de uma cultura que ainda não integrou sua sombra: que ainda teme o erro, a perda, a imperfeição, o feminino forte e o afeto vulnerável.

A neurociência, por sua vez, poderia afirmar que a Odete de 2025 vive sob o domínio de sistemas de ameaça hiperativados, num estado de vigilância constante (amígdala e córtex pré-frontal dorsolateral sobrecarregados). Sua rigidez é, em última instância, uma defesa fisiológica contra o medo de perder o controle, um medo que a sociedade contemporânea compartilha.

10. Conclusão: o espelho do inconsciente coletivo

Entre 1988 e 2025, Odete Roitman não muda de essência, muda de sintoma. Ela continua sendo a encarnação do superego social, a sombra que vigia e julga. Mas agora, sua moralidade se traveste de modernidade; seu controle, de algoritmo; sua tirania, de sucesso meritocrático.

Ao analisarmos essa personagem, não olhamos apenas para uma vilã, olhamos para o espelho do nosso tempo, um tempo em que, para manter a imagem perfeita, muitos se tornam prisioneiros do olhar que os julga. A psicanálise, nesse sentido, oferece o convite à travessia, reconhecer a sombra, elaborar a culpa, integrar a vulnerabilidade e libertar-se da tirania do superego.



REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Karl.** *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- BAUMAN, Zygmunt.** *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DAMÁSIO, António R.** *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEJOURS, Christophe.** *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- FREUD, Sigmund.** *O futuro de uma ilusão* (1927). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- FREUD, Sigmund.** *O ego e o id* (1923). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.
- FREUD, Sigmund.** *O mal-estar na civilização* (1930). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- FREUD, Sigmund.** *Além do princípio do prazer* (1920). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.
- HAN, Byung-Chul.** *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul.** *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- JUNG, Carl Gustav.** *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, Carl Gustav.** *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- KLEIN, Melanie.** *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques.** *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.



LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIPP, Marilda E. N. *O stress está dentro de você*. Campinas: Papirus, 2003.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. *The Maslach Burnout Inventory Manual*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1981.

OCHSNER, Kevin N. et al. The neural bases of emotion regulation: reappraisal and suppression of negative emotion. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 18, n. 2, p. 121–139, 2012.

TERRA. *Psicóloga analisa os personagens de Vale Tudo*. São Paulo: Terra Networks, 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/psicologa-analisa-os-personagens-de-vale-tudo%2C2855b4cab1295fc08a456108f497fed29eduyzcc.html>. Acesso em: 18 out. 2025.

UOL. *Qual é o segredo de Odete em Vale Tudo: reviravolta inédita traz filho vivo*. São Paulo: Notícias da TV – UOL, 2025. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/qual-e-o-segredo-de-odete-em-vale-tudo-reviravolta-inedita-traz-filho-vivo-137418>. Acesso em: 18 out. 2025.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ASSINATURA

Richard Stefanini Munhoz

Dr. Richard Munhoz é psicanalista Clínico e Infantil, especialista em Análise e Interpretação do Desenho, psicopedagogo, neuropsicopedagogo, mestre e doutor em Ciências Médicas. Autor do livro “Análise e Interpretação dos Desenhos – Utilização dos testes projetivos nas clínicas psicanalítica e psicopedagógica” (Wak Editora).

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP
Cep: 13.484-050
E-mail: ebpf.ned@gmail.com